

INSTRUMENTOS DE TORTURA E DE EXECUÇÃO

By Fabio “Sephiros Clausword”

Instrumentos de Tortura e Execução

Nota do Autor:

Aqui eu coloco a disposição dos fãs de Arkanum vários tipos de execução e tortura usados na Idade Média.

Quando aplicável, serão postas em regras esses métodos, sendo, portanto, passíveis de serem utilizadas por Mestres e jogadores que queiram dar um maior realismo as suas Campanhas.

Mas aqui cabem alguns avisos. Esse texto é terminantemente proibido para pessoas menores de 18 anos, imaturas, sensíveis ou que sejam facilmente impressionáveis. Além disso, esse texto não deve, em hipótese alguma, ser usado de forma leviana. Ele fala sobre tortura, métodos de execução e descreve essas práticas em detalhes. Você foi avisado dos riscos que corre ao ler este texto. Pare caso não seja maduro o suficiente para deixá-lo apenas nas mesas de jogo.

Por isso boa leitura a todos.

Fabio "Sephios Clausword"

P.S.: Meus agradecimentos especiais a todos os jogadores que baixarem esse net-book. Galera, agradeço demais a quem baixar. Qualquer coisa, dúvidas, reclamações e sugestões, me mandem um e-mail.

telperion_pendragon@yahoo.com.br

sephiosclausword@hotmail.com

Instrumentos de Tortura e Execução

I - Instrumentos de Execução

1 - Espada, Machado e Cepo

A decapitação com a espada, entretenimento público, desde o início da Idade Média, é, ainda hoje, utilizada em alguns países do terceiro Mundo.

Era necessária uma longa aprendizagem para aprender a manejar a espada com precisão, de modo a decepar a cabeça com um golpe só, coisa que a multidão muito apreciava, como um sinal da habilidade do carrasco.

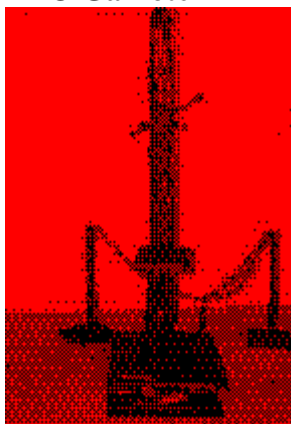
Os executores mantinham-se "em forma" treinando com animais nos matadouros ou com espantalhos de cabeça de cabaça.

A decapitação, pena suave quando executada com habilidade, estava reservada exclusivamente a condenados nobres e importantes. Os plebeus eram executados de outras formas, que garantiam agonias mais prolongadas, das quais a mais freqüente e mais rápido era o enforcamento comum, no qual a vítima era erguida e lentamente estrangulada – ao contrário do enforcamento à inglesa, que faz tombar a vítima de certa altura com a corda ao pescoço, provocando ruptura das vértebras cervicais e da medula espinhal.

Distinção importante: o cepo só era usado em conjunto com o machado; nas decapitações com a espada, o condenado deveria manter-se ereto, enquanto o executor efetuava um movimento horizontal com a lâmina, ceifando o pescoço.



2 - O Garrote



Consistia o garrote em um poste de madeira provido de um colar de ferro ou, menos comum e eficientemente, de couro duro, e que se apertava progressivamente por meio de um parafuso. Havia duas versões essenciais deste instrumento:

- a) a versão tipicamente espanhola, na qual apertando-se o parafuso, fazia-se apertar a argola de ferro, matando a vítima por asfixia;
- b) a versão catalã, no qual havia, na nuca do condenado, um punção de ferro, que, ao apertar-se o colar, penetrava e quebrava as vértebras cervicais, ao mesmo tempo em que empurrava o pescoço para frente, provocando o esmagamento da traquéia contra a argola, matando tanto por asfixia como pela destruição da medula espinhal ou do bulbo cerebral. A presença deste agulhão não

garante uma morte rápida; antes, pelo contrário. A agonia podia ser mais ou menos prolongada, dependendo do humor do carrasco.

O primeiro tipo foi usado na Espanha até a morte de Franco, em 1975, altura em que o rei Juan Carlos aboliu a pena capital.

O segundo tipo, usado até princípio deste século na Catalunha e na América Central, ainda é utilizado, em alguns países do Terceiro Mundo, como instrumento de tortura e execução.

Em jogo, acontece o seguinte: na primeira versão, use as regras para asfixia. O segundo modelo provoca asfixia e um dano de 1d6 a cada rodada que o carrasco desejar. Isto quer dizer que ele pode ou não provocar esse dano a cada rodada. Caso a vítima perca mais da metade dos seus pontos de vida dessa forma, reduza sua Con em 1d6.

3 - Emparedamento

Instrumentos de Tortura e Execução

O emparedamento, utilizado já no tempo dos romanos, para punir as vestais que perdiam sua virtude, dispensa qualquer explicação. A vítima era sepultada viva, morrendo, dependendo do local de confinamento, de sede e fome, ou simplesmente asfíxiada.

4 - As Gaiolas Suspensas

Desde a Alta Idade Média até finais do séc. XVIII, as paisagens urbanas e suburbanas da Europa abundavam de gaiolas de ferro e madeira, no exterior de edifícios municipais, palácios de justiça, catedrais e muralhas de cidades, assim como penduradas em postes situados nas encruzilhadas de diversos caminhos; freqüentemente havia várias gaiolas em fila, umas ao lado das outras.

Em Florença, Itália, havia dois locais reservados às gaiolas: um na esquina do Bargello, na Via Aguillara com a praça San Firenze, e o outro num poste fixado na colina de San Gaggio, passada a Porta Romana, junto à estrada para Siena. Em Veneza, tida como um dos prováveis locais de origem da gaiola celular, estas se erguiam na Ponte dos Suspiros e nos muros do Arsenal.

As vítimas, nuas ou quase nuas, eram fechadas nas gaiolas suspensas, que não eram muito maiores que seus corpos; morriam de fome e sede, de mau tempo e frio no Inverno, de queimaduras e insolação no Verão e eram muitas vezes torturadas e mutiladas para melhor servir de exemplo. Os cadáveres em putrefação eram, na maior parte das vezes, deixados in situ, até o desfazimento do esqueleto.

5 - A Roda Para Despedaçar

A roda para despedaçar era, depois da forca, a forma mais comum de execução na Europa germânica, desde a Baixa Idade Média até princípios do séc. XVIII; na Europa latina e gálica, o despedaçamento era feito por meio de barras maciças de ferro e maças, em lugar da roda.

A vítima, nua, era esticada de barriga para cima na roda (ou no chão ou no patíbulo), com os membros estendidos ao máximo e atados a estacas ou anilhas de ferro. Por baixo dos pulsos, cotovelos, joelhos e quadris, colocavam-se atravessados suportes de madeira. O verdugo aplicava

violentos golpes com a barra, destroçando todas as articulações e partindo os ossos, evitando dar golpes que pudessem ser mortais. Isso provocava, como é fácil imaginar-se, um verdadeiro paroxismo de dor, o que muito divertia a platéia.

Depois do despedaçamento, desatavam o condenado e entrelaçavam-lhe os membros com os raios da grande roda, deixando-o ali até que sobreviesse a morte, ao cabo de algumas horas, ou até dias. Os corvos, outrossim, arrancavam pedaços de carne e vazavam os olhos até a chegada do último momento. Esta era a mais atroz e longa agonia prevista dentre todos os procedimentos de execução judicial.

Junto com a fogueira, o despedaçamento ou desmembramento era um dos espetáculos mais populares que tinham lugar nas praças da Europa. Multidões de plebeus e nobres deleitavam-se ao contemplar um bom despedaçamento, como comprovam várias gravuras da época.

Uma vítima dessa prática toma 1d6 de dano a cada rodada e deve fazer um teste difícil de Con para evitar a quebra de um osso e a perda de mais 1d6 pontos de vida. Além disso,



Instrumentos de Tortura e Execução

caso a vítima fique com menos de ¼ de seus pontos de vida, estará com todos os seus ossos quebrados. A partir daí, ela começara a perder um ponto de vida por dia, mais 1d6 se estiver em condições precárias ou inumanas. Ela somente poderá ser salva caso receba algum tratamento mágico.

6 - Submersão em Azeite

A submersão em azeite podia ser tanto uma forma de execução como de interrogatório, tanto judicial como extrajudicial. O prisioneiro, suspenso pelos braços no teto, era baixado, por meio de um sistema de corda e roldana, dentro de um caldeirão cheio de azeite em ebulição. Este suplício podia ser aplicado em conjunto com a estrapada (!) e quase que invariavelmente, provocava a morte da vítima; na melhor das hipóteses, deixava-a inválida para toda a vida.

Imergir uma vítima em azeite fervente provoca 3d6 de dano por rodada em que a vítima estiver submersa. A cada rodada deve-se rolar um teste Difícil de Con cuja falha provoca a perda de 1d6 pontos de algum Atributo Físico, refletindo as seqüelas (isso caso a vítima sobreviva).

7 - A Serra

A serra era outro meio de execução extremamente cruel, no qual a vítima, suspensa pelos pés, era serrada ao meio, de cima para baixo, a partir de entre as pernas.

Esse tipo de execução podia ser levada a cabo com qualquer tipo de serra de lenhador utilizada a quatro mãos e de dentes grandes.

A história conta que vários mártires - santos, religiosos, laicos - sofreram esse suplício, talvez pior que a cremação lenta ou a imersão em azeite fervente. Devido á posição invertida, que assegura a oxigenação do cérebro e impede a perda geral de sangue o condenado não perde a consciência até que a serra alcançava o umbigo, ou, às vezes, até o peito.

A serra provoca de 1d6 a 3d6 de dano por rodada, dependendo da serra utilizada na execução.

A Bíblia conta-nos que o rei hebreu Davi exterminou os habitantes de Rabah e de todas as outras cidades amonitas pelo método de pôr os homens, mulheres e crianças debaixo de serras, rastelos, machados de ferro e fornos de tijolos. Esta espécie de beneplácito, pouco menos que divino, contribuiu muito para a aceitação da serra, do machado e do rastelo como meio de execução por gente pensante da Igreja Medieval.

A serra era aplicada freqüentemente a homossexuais de ambos os sexos, principalmente homens. Na Espanha a serra foi um meio de execução militar até meados do séc. XVIII, segundo várias referencias que não citam, todavia, um só caso concreto. Na Catalunha, durante a guerra da Independência (1808-1814), contra os exércitos de Napoleão, os guerrilheiros espanhóis submeteram dezenas de oficiais franceses e ingleses à serra, sem se preocupar muito com as alianças do momento. Na Alemanha, a serra estava reservada aos cabeças dos movimentos rebeldes e na França às bruxas “engravidadas por Satanás”.

8 - Mesa de Evisceramento

Este terrível suplício era levado a cabo em um aparelho especial, constante de uma mesa ou tábua sobre a qual havia uma roldana e um sistema de cordas e pequenos ganchos. O verdugo abria o ventre da vítima amarrada sobre a tábua, de maneira a não poder debater-

Instrumentos de Tortura e Execução

se; em seguida, introduzia-lhe os ganchos na abertura, prendendo-os firmemente às entranhas do condenado. Ao manipular a roldana, as entranhas eram puxadas para fora, com a vítima ainda viva; esta era então abandonada e deixada para morrer neste estado. A morte demorava por horas ou até dias. Quanto mais tardasse - isto é, quanto mais o condenado sofresse, maior era considerada a habilidade do carrasco.

Para suar esse método, precisa-se de 30% em Tortura. Ela causa um dano de 2d6 ao abrir as entranhas da vítima. Depois, causa o dano de um ponto de vida por hora.



II - Instrumentos Letais de Tortura

Os instrumentos citados a seguir são aqueles que, embora servissem como instrumentos de interrogatório, podiam ser usados como instrumentos de execução - como, por exemplo, a Dama de Ferro - ou provocavam na vítima tais traumas e lesões que acabavam por matá-la horas após sua aplicação. Por isso, só eram geralmente aplicados a condenados à morte, cuja execução deveria seguir-se sem demora; assim, obtinha-se a garantia de que as vítimas, ainda que gravemente feridas, não escapariam à aplicação da justiça.

Para utilizar-se deles, é necessário ter a Perícia Tortura. Em cada um, aparecerá a porcentagem mínima que é necessária para usar esses instrumentos com eficácia. Caso o torturador não tenha o mínimo necessário, os seus testes são considerados Difíceis.

Para realizar cada uma das torturas, o torturador deve fazer um teste Médio de Tortura. Em caso de sucesso, ele aplicou a tortura com sucesso. Em caso de falha, caso a tortura cause dano, acrescente +1d6 ao dano. Em caso de falha crítica a tortura causa o dano máximo (se tiver) e a vítima deve fazer um teste de Con; falha resulta na morte dela. Existem torturas que possuem efeitos diferentes em caso de sucesso e falhas, que são descritas em seus textos. Depois, faz-se um teste de Tortura vs Will do alvo. Caso a vítima obtenha sucesso (ou o torturador falhe) a vítima consegue resistir. Caso ao vítima falhe (ou o torturador obtenha sucesso), a vítima revela algum segredo (ou finge revelar caso não tenha, para se livrar do sofrimento). O dano pode ser reduzido, caso o carrasco quera, se passar no teste de Tortura. Isso pode ser suado para aumentar o sofrimento da vítima.

A vítima também pode perder Força de Vontade no processo. Caso a vítima não obtenha sucesso, ela deve fazer um teste de Will cada vez que é torturada com um redutor em porcentagem igual ao dano sofrido (em caso de perda de atributo, atribua um redutor de 3 para cada ponto perdido). Falha resulta na perda permanente de 1d6 pontos de Will e falha crítica na perda de 2d6 pontos.

1 - As Cunhas ou Borzeguim

Instrumentos de Tortura e Execução

Este era um dos suplícios mais dolorosos que se poderia imaginar. A vítima era amarrada e esticada no chão, com as pernas encerradas entre quatro pranchas de carvalho, das quais o par do lado externo era fixo, enquanto o interno era móvel. Introduzindo cunhas no espaço de separação entre as duas pranchas móveis, era possível esmagar as pernas da vítima contra a estrutura fixa da máquina.

Havia a tortura dita comum e a extraordinária; a diferença entre as duas era avaliada pela quantidade de cunhas cada vez mais espessas que eram cravadas na parte interna.

Este tipo de tortura, pelo fato de ser sempre - embora nem sempre imediatamente - fatal, só era administrada a condenados à morte que devessem ser executados sem demora.

Para usar esse instrumento é necessário possuir 30% em Tortura. Ele causa de 1d6 a 3d6 de dano por rodada na vítima e ela perde 1d6 pontos de Agi, devido ao esmagamento das pernas.

2 - O Esmaga-Cabeças

Os esmaga-cabeças, instrumentos tipicamente medievais, compunham-se de um capacete e de uma barra na qual se colocava o queixo do torturado. Em seguida, por meio de um parafuso, ia-se apertando o capacete, comprimindo a cabeça do indivíduo de encontro à base, no sentido vertical. O resultado era arrasador: primeiro destroçavam-se os alvéolos dentários; depois, as mandíbulas; e finalmente, caso a tortura não cessasse, os olhos saltavam das órbitas e o cérebro vazava pelo crânio fraturado.

É necessário 10% em tortura para usar esse instrumento. Ele causa dano de 1d6 +1d6 por rodada consecutiva. Ou seja, se usado por três rodadas seguidas, ele causaria 1d6 na primeira, 2d6 na segunda e 3d6 na terceira. Caso a vítima sobreviva, para cada rodada de tortura, deve fazer um teste Difícil de Con; em caso de falha ela perde quatro pontos em Atributos Mentais, distribuídos da forma que o Mestre quiser.

3 - A Dama de Ferro

A história da tortura registra muitos instrumentos em forma de sarcófago antropomorfo com pregos em seu interior, que, ao fechar-se a porta, penetravam no corpo da vítima. O exemplo mais conhecido foi à chamada "donzela de ferro" de Nuremberg, exemplar do final do século XV, reprodução aperfeiçoada de exemplares mais antigos. O aparelho foi destruído quando Nuremberg foi bombardeada, em 1944.

É difícil separar a lenda dos fatos quando se fala de tal instrumento, pois restaram poucas descrições da época, e a maioria do material publicado baseia-se em investigações distorcidas do século XIX, opiniões fantasiosas e românticas e testemunhos não oculares e exagerados. Ao contrário do que se costuma afirmar, a Dama de Ferro raras vezes era usada numa execução intencional (embora, sem dúvida, o condenado pudesse, devido a um lamentável infortúnio, morrer asfixiado em seu interior). A primeira referência confiável a uma execução com a Dama de Ferro reporta-se a 14 de Agosto de 1515, se bem que o instrumento já fosse utilizado, comprovadamente, há uns dois séculos. Nesse dia, um falsificador de moeda foi aí introduzido e as portas fechadas lentamente, pelo que as pontas afiadíssimas lhe penetraram nos braços, na barriga, e no peito, nas pernas em vários lugares, na bexiga, nos olhos, nos ombros e nas nádegas, mas não suficiente para o matar, e assim permaneceu a gritar e lamentar-se por vários dias, após os quais morreu.

É provável que os cravos fossem desmontáveis e de vários tamanhos, de modo que pudessem colocar-se em vários orifícios no interior do aparelho, tornando-se mais ou menos cutilantes, segundo as exigências da sentença.

Instrumentos de Tortura e Execução

A Dama de Ferro era aplicada aos autores de crimes contra o Estado, que não fossem de lesa-majestade, e também nos casos de mulheres adúlteras e de jovens ou viúvas que não mantivessem sua castidade. Era também usada como instrumento de interrogatório, em casos específicos de mulheres suspeitas de bruxaria ou comércio com as forças do Inferno. Nesse caso do interrogatório, era usada especialmente em mulheres, pois se julgava que estas poderiam suportá-la melhor que outros métodos e por deixar poucas ou nenhuma marca visível, sendo, além disso, praticamente garantida a confissão da acusada. Esse instrumento requer que o torturador possua 50% em Tortura. Além, disso, ele pode ser ajustado para causar dano de 1d6 a 5d6, que pode ser aplicado num intervalo de rodadas, minutos ou horas. Além disso, usar uma Dama de Ferro concede ao torturador, ao usar sua perícia para obter confissões, um bônus de 20%. Além disso, a cada hora, a vítima faz um teste Difícil de Will; falha resulta na perda de três pontos de Will.

4 - A Roda Vertical

Na roda vertical, que, como diz o nome, era erguida perpendicularmente em relação ao chão, o corpo da vítima era amarrado ao instrumento, o mais esticado possível. Em seguida a roda era girada, expondo o torturado, a cada volta, a pregos ou brasas ardentes colocados no chão, sob a máquina. O resultado final era o retalhamento lento ou queimaduras expostas por toda a superfície do corpo, que, conforme sua gravidade, poderiam levar à morte do torturado.

Para usar isso, o torturador deve ter 20% em Tortura. Ela causa de 1 a 2d6 de dano por rodada.

5 - Gaiola de Cravos

Atribui-se geralmente a invenção desse engenhoso instrumento à condessa húngara Elizabeth Báthory, que viveu no século XVI; todavia, existem registros de seu uso já no tempo dos romanos. Frise-se, porém, que não era um modo de interrogatório ou punição judicial, sendo utilizado apenas por certos indivíduos, isoladamente.

Basicamente, o engenho era uma gaiola cilíndrica de lâminas de ferro afiadas, cujo interior era guarnecido de pontas aguçadas de ferro. A vítima era trancada na gaiola e o torturador, armado de um archote, um ferro em brasa ou ainda de um ferro pontiagudo, começava a espetar ou atizar o prisioneiro, que, em seus movimentos de recuo, ia chocar-se contra as pontas e lâminas da gaiola. O resultado final é fácil de imaginar-se.

Embora a maioria das gaiolas de cravos de que se tem notícia fossem colocadas diretamente sobre a terra, diz-se que a gaiola de Elizabeth Báthory (aperfeiçoada para que ela tomasse os famosos banhos de sangue que, segundo supunha, a manteriam sempre jovem e bela) era suspensa no teto; a condessa sentava-se abaixo dela e o sangue corria diretamente sobre seu corpo.

Usar esse instrumento não requer a perícia Tortura. Os cravos causam na vítima 1d6 de dano cada vez que ela toca neles.

6 - O Cavalo de Estiramento

O estiramento, ou desmembramento causado por meio de tensão exercida longitudinalmente, já era usado no Antigo Egito e na Babilônia. Na Europa medieval - e após - o cavalo de estiramento constituía instrumento fundamental de qualquer masmorra respeitável, e isso até o desaparecimento da tortura, por volta do séc. XVII.

Instrumentos de Tortura e Execução

A vítima era deitada no aparelho, seus membros firmemente presos às extremidades e esticados pela força do cabrestante, existindo testemunhos antigos que falam de até 30 cm de distensão, o que é inconcebível; a distensão originada pelo deslocar e torcer de cada articulação dos braços e das pernas, do desmembramento da coluna vertebral e da destruição dos músculos das extremidades do tórax e do abdômen provocava um efeito mortal. No entanto, antes do abatimento final da vítima, e mesmo nas fases iniciais do interrogatório, era sofrido o deslocamento dos ombros, por causa do estiramento dos braços para trás e para cima, assim como uma dor intensa provocada pelo rompimento dos músculos e quaisquer fibras submetidas a uma tensão excessiva.

Com a continuação da tortura, os quadris, e os cotovelos começavam a desconjuntar-se, separando-se por fim, ruidosamente. Já nesta fase, a vítima, se escapava com vida do tormento, ficava aleijada para toda a vida. Depois de horas ou dias, no caso dos mais resistentes, as funções vitais simplesmente cessavam, uma após a outra.

Essa terrível tortura requer 40% de tortura por parte do torturador. Além disso, ela causa um dano de 1d6+1d6 por rodada consecutiva de tortura. Depois de perder metade dos seus pontos de vida, a vítima faz um teste de Con, caso ela falhe, perderá seis pontos distribuídos entre For, Des e Agi, isso se ela sobreviver.

III - Instrumentos de Interrogatório

Estes instrumentos diferenciam-se dos anteriormente citados por não provocarem ferimentos fatais - a menos que o verdugo assim o desejasse ou fosse extremamente inábil em sua utilização. Eram empregados, de forma geral nos interrogatórios judiciais e inquisitoriais, não se destinando a matar a vítima, que deveria ser mantida viva no interesse da instrução do processo.

Utilize as mesmas regras apresentadas acima.

1- As Aranhas Espanholas

As Aranhas eram ganchos de quatro pontas unidas em forma de tenaz, e constituíam ferramentas básicas no arsenal do verdugo. Serviam, frias ou quentes, para içar a vítima pelos pulsos, nádegas, ventre, seios ou tornozelos, enquanto as pontas enterravam-se lentamente na carne.

No processo dos Templários, no início do séc. XIV, as aranhas espanholas foram usadas, segundo testemunhas, para suspender os acusados pelos órgãos genitais, até que admitissem seus crimes.

Essa tortura requer 40% em Tortura. Ela causa 1d6 de dano por rodada. Caso sejam presas numa parte muito sensível (como os genitais, ou os seios, por exemplo) as aranhas causam 2d6 de dano por rodada.

2 - O Esmagador de Testas

O esmagador era uma faixa de ferro, algumas vezes com agulhões no seu interior, que se colocava ao redor da testa da vítima, sendo então, progressivamente apertado, pelos parafusos situados em roscas laterais, provocando cortes e lacerações e podendo provocar fraturas cranianas fatais.

Este era um instrumento usado, sobretudo, em mulheres e quase nunca em homens.

Usar esse instrumento requer Tortura20% e causa 1d6 de dano por rodada.

Instrumentos de Tortura e Execução

3 - O Berço de Judas

Este procedimento apresentava variações, que eram usadas simultaneamente em toda a Idade Média. A mais simples consistia em suspender a vítima sobre uma espécie de pirâmide, sobre cuja ponta fazia-se baixar, com maior ou menor velocidade. O bico afiado da pirâmide, desta forma, atingia o ânus, a vagina, a base do saco escrotal, ou as últimas vértebras do cóccix. O carrasco, segundo as indicações dos interrogadores, podia variar a velocidade e a pressão, desde o nada até a totalidade do peso do corpo. Podia ainda sacudir a vítima, ou fazê-la cair, repetidas vezes sobre a ponta.

O Berço de Judas, em italiano Culla di Giuda, em alemão Judaswiege e em inglês Judas Cradle (ou simplesmente Cradle) era conhecido em francês como La Veille (A Vigília). Usar o Berço de Judas requer 30% em Tortura. Ele causa na vítima dano de 1d6 a 2d6 de açoado com a vontade do carrasco.

4 - Cadeira de Interrogatório

Muito simples: era uma cadeira de ferro com o assento e o encosto totalmente cobertos de pontas afiadas. Era um instrumento básico no arsenal dos inquisidores. A vítima, sempre nua, era colocada e amarrada na cadeira, cujas pontas produziam um efeito óbvio sobre sua força de vontade, que dispensa qualquer comentário. O tormento podia ser intensificado com sacudidelas e golpes nos braços e no tronco. Além disso, havia outro modo de tornar este instrumento mais eficiente: como a cadeira era, na maior parte das vezes, de ferro (havia exemplares e madeira, nos quais apenas as pontas eram metálicas), havia ainda o requinte adicional de aquecê-la a um braseiro até que se transformasse em brasa.

Usar essa cadeira não requer a Perícia Tortura. Entretanto, ela somente causará 1d6 de dano por hora. Caso queria utilizar essa cadeira de modo a afligir mais dano em sua vítima deve-se possuir a perícia Tortura. Assim, pode-se causar dano de 1d6 a 3d6, num intervalo que pode ser de rodadas, minutos ou horas. A cada hora de permanência nessa cadeira a vítima faz um teste de Will. Falha resulta na perda de dois pontos de Will.

5 - O Esmagador de Polegares

Simple e muito eficaz. O esmagamento dos nós e falanges dos dedos e a arrancamento das unhas estão entre as torturas mais antigas. Os resultados, em termos de relação entre a dor infligida, o esforço realizado e o tempo consumido são altamente satisfatórios do ponto de vista do torturador, sobretudo quando se carece de instrumentos complicados e dispendiosos.

O esmagador era basicamente constituído de duas ou três barras, que podiam ser apertadas por meio de um parafuso, lentamente, ou por meio de pancadas dadas em cunhas, de maneira mais brusca.

Usar isso requer 10% em Tortura. Ele causa 1d6 de dano. Além disso, quando o torturador for usar sua perícia contra a vítima, ele ganha um bônus de 10%. A vítima que tiver seus polegares esmagados perde 1d6 pontos de Des.

6 - A "Extensão"

A extensão é uma variante do cavalo de estiramento. Ao invés da distensão ser aplicada ao corpo no sentido longitudinal, é aplicada apenas aos braços do condenado, enquanto a corrente, enlaçando e esmagando o tórax, exerce uma pressão extra. A extensão é uma variante do cavalo de estiramento.

Instrumentos de Tortura e Execução

Use as mesmas regras do Cavalo de Estiramento.

7 - A Escada de Estiramento

A chamada "escada de estiramento" era nada mais que uma simples escada de madeira, à qual se dava um uso a mais, o de instrumento de interrogatório. Foi usada no processo de Eischtadt, no qual uma velha foi acusada de bruxaria, em meados do séc. XV.

A vítima era deitada sobre a escada, tendo seus pés atados a um dos degraus; aos braços, igualmente atados, eram progressivamente puxados para trás, fosse por meio da força humana, fosse por meio de pesos cada vez maiores.

Se depois de tudo isso a vítima ainda se recusasse a confessar, estando paralisada e com os ombros destroçados, o tribunal era forçado a reconhecer sua inocência.

Esta tortura era largamente usada pelos inquisidores alemães.

Essa tortura requer 40% na Perícia Tortura. Ela causa dano de 4d6. Caso a vítima sobreviva deve fazer um teste Difícil de Con; em caso de falha, a vítima perde três pontos de Des.

8 - Potro

Este aparelho, muito engenhoso, era composto por uma prancha, sobre a qual era deitada a vítima. Esta prancha apresentava orifícios pelo quais se passavam cordas de cânhamo que arrocavam os antebraços, os braços as coxas, as panturrilhas, em suma, as partes mais carnudas dos membros da vítima. No decorrer da tortura, essas cordas eram progressivamente apertadas, por meio de manivelas nas laterais do aparelho. O efeito era o de um torniquete. A legislação espanhola que regulamentava a tortura previa, no máximo, cinco voltas nas manivelas que apertavam as cordelas ao corpo. Isso visava a garantir que, caso fosse provada a inocência do réu, este não saísse da tortura com seqüelas irreversíveis. Porém, geralmente, os carrascos, incitados pelos interrogadores, davam até dez voltas na torção, o que fazia com que as cordas esmagassem a carne até o osso.

Para usar, deve-se ter 30% em Tortura. Para cada volta dada ela dá 1d6 de dano. Caso passe das cinco voltas para cada volta a vítima deve fazer um teste de Com. Em caso de falha, ela perde 1d6 pontos em For, Des ou Agi.

9 - Quebrador de Joelhos

Assemelhava-se, em ponto maior, ao esmagador de polegares: duas barras destinadas a comprimir entre si, até o ponto de fraturá-los, os joelhos da vítima. A parte interior do aparelho podia conter pontas.

Geralmente, este aparelho era aplicado, após o que se permitia à vítima uma noite ou algumas horas de descanso; no dia seguinte, estando as pernas do infeliz esmagadas e inflamadas, se não já quebradas mesmo, repetia-se à tortura, que se tornava, assim, muito mais dolorosa e quase impossível de resistir-se.

O quebrador de joelhos exige Tortura 30%. Cada utilização causa dano de 1d6 na vítima e fratura os joelhos da vítima, causando 2d6 de dano. Enquanto mantiver seus joelhos fraturados, a vítima perde 1d6 de Agi e todos os testes baseados na Agi (incluindo Perícias), são Difíceis.

10 - A Estrapada ou Polé

Uma tortura fundamental, que consistia na deslocação dos ombros, pelo movimento de içar violentamente a vítima, com os braços atados às costas, com o corpo suspenso.

Instrumentos de Tortura e Execução

A estrapada era um meio de extraordinária eficiência; como não provocava derramamento de sangue, o que era proibido pela Igreja a seus agentes, era largamente usado pelos inquisidores.

O aparelho era muito simples: compunha-se apenas de uma corda e de uma roldana. Os pulsos do condenado eram atados atrás das costas e ligados a uma corda, que, passando pela roldana, permitia que fosse içado no ar, pelo que as articulações dos ombros passavam a suportar a totalidade da massa corporal.

De imediato, as clavículas e as omoplatas se desarticulavam, o que provocava deformações que podiam ser irreversíveis. Isso causa na vítima 2d6 de dano. A agonia podia ser agravada por uma série de medidas adicionais:

a) podia-se içar a vítima até certa altura, deixando-a cair em seguida, mas sustando a queda antes que chegasse ao chão, o que provocava a imediata ruptura das articulações e por vezes fraturas ósseas; isso provoca um dano adicional de 1d6 e a perda de 1d6 pontos em Des e Agi;

b) a fim de aumentar o peso suportado, prendia-se aos pés do condenado um lastro cada vez maior, geralmente, até cinquenta ou sessenta quilos, embora haja notícias de interrogatórios em que foram presos aos pés dos interrogados pesos de até setenta quilos, quase o peso do próprio corpo; isso pode aumentar o dano em 1d6 a 3d6;

c) por vezes, enquanto o condenado se achava suspenso, podia-se queimar partes de seu corpo - notadamente as axilas, - com mechas ou archotes, como no caso do interrogatório dos Papenheimers, na Baviera, no século XVI. Isso causa dano adicional de 1d6;

Usar essa prática requer Tortura 30%.

11 - Pêra Oral, Retal e Vaginal

Esses instrumentos em forma de pêra - daí o nome - eram colocados na boca, no reto ou na vagina da vítima, e ali eram abertos, por meio de um parafuso, até atingir sua total abertura. O interior da cavidade afetada ficava, invariavelmente, danificado, com efeitos muitas vezes irreversíveis. Por vezes, além da abertura exagerada, a pêra era dotada, na extremidade mais interna, de pontas em gancho, que destroçavam a garganta, o reto ou a raiz do útero, pois penetravam bastante fundo.

A pêra oral aplicava-se aos casos de predicadores hereges ou a criminosos laicos de tendências antiortodoxas. A pêra vaginal estava destinada a mulheres consideradas culpadas de conluíus e acordos com Satanás ou quaisquer outras forças sobrenaturais (o processo das feiticeiras bascas¹, no qual foi utilizada, falava dos "espíritos dos mortos"), a adúlteras, homossexuais ou suspeitas de ter mantido relações com familiares; e por último, a retal destinava-se a homossexuais masculinos passivos.

Usar isso requer Tortura 30%. A pêra causa um dano de 1d6 mais um dano adicional de 2d6, caso seja aberta. Além disso, a vítima deve fazer um teste Difícil de Con ou então perderá 1d6 pontos de algum Atributo Físico.

12 - Tortura da Água

Havia duas maneiras de aplicar-se a tortura da água. A primeira delas consistia simplesmente em enfiar um trapo na boca da vítima amarrada e ir deitando água aos poucos no trapo, fazendo-o inchar, provocando sufocação; um bocado além da conta e o torturado afogava-se em terra seca.

A segunda versão, mais conhecida, é também chamada de "tortura das bilhas". A bilha era um recipiente de argila que continha cerca de um litro e meio de água. O carrasco

Instrumentos de Tortura e Execução

introduzia na boca da vítima um funil de couro ou de chifre e despejava o conteúdo da bilha nesse funil. Em ambas as versões, para que a tortura fosse eficiente, tapava-se o nariz do condenado, provocando-lhe asfixia.

13 - Agulhas e Estiletas Para Punções

Estes instrumentos eram utilizados pelos inquisidores para encontrar a "marca do Diabo", um sinal que o Demônio, segundo a crença, teria colocado no corpo de todos os seus seguidores. A marca do Diabo poderia ter a forma de uma mancha na pele, um pedaço de carne saliente, ou ainda (era mais conclusivo) de um mamilo anormal, onde se alimentariam os "acompanhantes", pequenos demônios em forma de animais domésticos (geralmente gatos ou sapos) que acompanhavam as bruxas. Mas a marca poderia também ser invisível aos olhos dos não iniciados; nesse caso, seria uma área insensível do corpo, que, além disso, não verteria sangue se ferida. Então, para descobrir-se tais marcas, espetava-se o corpo do suspeito com agulhas e estiletas especiais. Um calo, uma verruga, uma região tornada insensível pelo excesso de dor, era considerada uma prova irrefutável da culpabilidade.

Este método, diga-se de passagem, era aplicado por vezes de maneira irregular; os examinadores recorriam a velhacarias tais como lâminas retráteis, que não feriam a pele, não provocando, portanto, qualquer dor ou sangramento. A vítima, em contrapartida, não podia fingir dor ou sofrimento, pois permanecia vendada durante todo o exame. Os suspeitos não eram páreo para os inquisidores.

14 - As Garras de Gato

As garras eram instrumentos simples, semelhantes a grandes tridentes um pouco encurvados, ou antes, a rastelos. Eram utilizadas para escarnar o corpo dos prisioneiros, arrancando progressivamente a carne, até a exposição dos ossos.

Usar Essa tortura Requer Tortura 20%, e ela causa 1d6 de dano a cada uso. Em caso de ferimentos muito graves (mais da metade dos pontos de vida perdidos), pode-se ficar com seqüelas graves, perdendo 1d6 pontos de Des ou Agi.

IV - Instrumentos de Mutilação

Desde o Antigo Egito, e antes, a mutilação serviu como método eficaz de castigo para crimes menores, considerados não tão graves que merecessem a pena de morte, tais como furtos, danos à propriedade alheia, e às vezes - por incrível que possa parecer - estupros. A mutilação, além de ter um efeito arrasador sobre os culpados, tanto físico quanto moralmente, também era considerada um esplêndido método de prevenir a reincidência, visto que o criminoso ficava marcado como tal para o resto da vida, bastando às pessoas de bem lhe lançar um olhar para estarem prevenidas acerca de seus atos ilícitos no passado. Geralmente, os condenados a ser mutilados recebiam a pena em público, a fim de servir de exemplo q quem quer que, por desespero ou inclinação, estivesse tentado a desobedecer à lei.

Não há regras específicas para usar esses instrumentos, por isso, use o bom senso. Eles podem causar dano. Caso aplicável ele será mostrado.

1 - Pinças e Tenazes

Instrumentos de Tortura e Execução

Pinças, tenazes e tesouras, usadas também frias, mas normalmente aquecidas ao rubro, adequadas para arrancar pedaços de carne do corpo das vítimas, constituíam utensílios básicos de qualquer verdugo. As tenazes destinavam-se geralmente - e de preferência em brasa - aos narizes, dedos das mãos e dos pés e mamilos. As pinças, maiores, serviam para destroçar e queimar o pênis. No decorrer da história da tortura, os órgãos genitais masculinos (ao contrário dos femininos) sempre gozaram de certa imunidade. Contudo, raramente, aconteciam casos de castração (arrancamento dos testículos) e de amputação do pênis. Estes castigos não se aplicavam, como seria de esperar, por violência contra a mulher, mas geralmente por conspiração ou tentativa de conspiração contra o príncipe ou governante local. A violação extraconjugal, na Idade Média como hoje era raramente castigada; a violação conjugal sempre foi considerada exercício de direito por parte do marido, permanecendo sempre impune.

2 - Ferros de Marcar a Quente

Usavam-se para marcar alguns condenados, normalmente no ombro, mas outras vezes na face ou na testa. O delito cometido era expresso na marca, através de um código de letras facilmente reconhecível.

3 - Destroçador de Seios

Tratava-se de tenazes com quatro garras convergentes, capazes de transformar em massas disformes os seios de mulheres condenadas por heresias, blasfêmias, adultério, magia branca erótica, homossexualismo, aborto provocado, entre outros delitos. Para tal efeito, às vezes era utilizado apenas um gancho, aquecido ao rubro.

Isso causa danos sérios. Ao usar isso, causa-se dano de 2d6. Depois disso, a personagem deve fazer um teste Difícil de Will ou ficará com distúrbios psicológicos sérios (pode parecer que não, mas creiam, isso para uma mulher é uma tortura muito, mas muito grave). Além disso, reduza seu Car em 1d6; afinal, além da deformação, a mulher ficará com sua auto-estima muito prejudicada.

V - Instrumentos de Contenção

Tais instrumentos destinavam-se não propriamente a causar dor e sofrimento - embora esta fosse uma consequência secundária muitas vezes inevitável - mas a imobilizar os prisioneiros enquanto estavam a ser interrogados, ou simplesmente quando permaneciam em suas celas. É claro que a imobilidade constante e forçada podia consistir por si só em uma tortura bastante requintada.

1 - A Cegonha ou A Filha do Varredor

A cegonha consistia numa espécie de algema ou grilhão que quase unia os pés e as mãos do torturado, impedindo qualquer movimento. Ainda que pareça, à primeira vista, mais um meio de imobilização que de tortura, não mais terrível que milhares de outros artefatos semelhantes, a Cegonha provoca, depois de poucos minutos, fortes câibras, primeiro nos músculos retais e abdominais, depois nos peitorais, cervicais e nas extremidades do corpo; câibras que, com o passar das horas, transformam-se em uma contínua e atroz agonia, sobretudo no abdome e no reto.

Em tal situação, a vítima pode ser maltratada, queimada, açoitada e mutilada, ao bel prazer de seus interrogadores.

Instrumentos de Tortura e Execução

Para escapar, vítima deve fazer um teste Difícil de Agi.



2 - A Mordança de Ferro

Esta invenção era muito útil na medida em que abafava os gritos e gemidos dos torturados, para não importunas os debates de seus interrogadores entre si. Compunha-se de um aro de ferro, no interior do qual havia uma protuberância chamada "caixa", a qual colocava-se na boca da vítima, fechando-se o aro metálico na nuca. Uma minúscula abertura permitia a entrada do ar; o que podia ser interrompido pela ação do verdugo. Uma simples pressão dos dedos poderia provocar a asfixia do condenado.

Freqüentemente os condenados ao tronco eram assim amordaçados; ou quando se tratava de autos-de-fé, para que seus gemidos não perturbassem a audição da música sacra que acompanhava esses autos.

Este instrumento era usado desde a época romana, mas na Idade Média foi aperfeiçoado, com a colocação de farpas na caixa, de maneira não só de silenciar, mas também de ferir (ele causa um ponto de dano por hora).

Giordano Bruno, um dos intelectuais mais brilhantes de sua época, foi queimado na Praça o Campo dei Fiori, em Roma, e, 1600. Tinha colocado um açaimo de ferro com cravos, um dos quais lhe perfurava a língua e outro, o céu da boca (essa variação causa 1d6 de dano a cada duas horas).

A mordança era usada tanto durante os interrogatórios como durante as execuções, ou simplesmente para calar ou punir os prisioneiros recalcitrantes.

3 - Pieti ou Cinturão de Santo Erasmo

Apesar do nome, este instrumento não era sempre um cinto, embora fosse esta a sua forma mais comum. Podia tomar tanto a forma de um cinto como a de uma túnica ou vestimenta, de malha de arame, com inúmeras pontas de ferro dirigidas para seu interior. Bastante apertado em volta da vítima, feria e destroçava a carne a cada pequeno movimento ou respiração. Depois, vinham a infecção, a putrefação e a gangrena. Por vezes, a fim de ampliar o sofrimento, eram colocados insetos ou vermes carnívoros nos ferimentos.

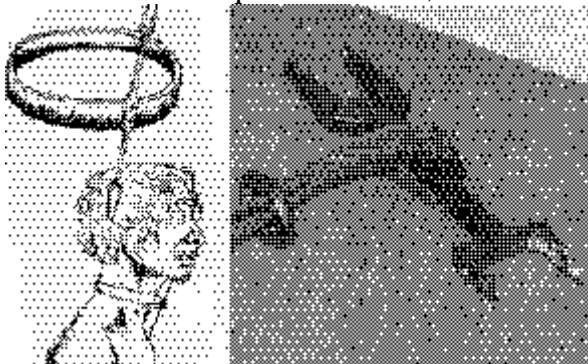
Segundo uma tradição do séc. XIV, este cinturão teria sido aplicado a uma jovem e bela senhora chamada Márcia Orsini, esposa de um rico nobre milanês, por um condottieri. O saltador havia raptado a dama, mas sendo contrário ao estupro, por princípios morais e escrúpulos religiosos, atou-a a cama e colocou-lhe o cinturão, deixando-a assim até que resolvesse entregar-se-lhe por vontade própria. Sabe-se que felizmente, o covil do bandido foi descoberto e assaltado pelos homens de armas do marido, e a dama foi posta em liberdade, ficando, finalmente, a salvo. Diga-se, porém, que não se sabe se o resgate foi anterior ou posterior à anuência da dama.

Instrumentos de Tortura e Execução

Esse cinturão requer um teste de Agi por parte da vítima a cada minuto ou ela recebe 1d6 de dano.

4 - A "Forquilha do Herege"

Era um colar de ferro cuja frente consistia em uma espécie de espeto duplo, com duas pontas que se encravavam no queixo e sobre o esterno da vítima, profundamente. A forquilha impedia qualquer movimento de cabeça, mas permitia que os condenados falassem em voz quase inaudível, durante as cerimônias de abjuração.



5 - Cinturão de Castidade

A função deste instrumento foi sempre mistificada, não só pelo povo, mas também pelos círculos acadêmicos. A opinião tradicional é que o cinturão de castidade se usava para garantir a fidelidade das esposas durante as ausências do marido, e sobretudo – uma convicção que em nada se aproxima da verdade, não havendo evidências que suportem tal idéia - para as mulheres dos cruzados que partiam para a Terra Santa.

Na verdade, ainda que a função primordial do aparelho fosse esta, tal constrição limitava-se sempre a breves períodos de tempo, como algumas horas ou, no máximo, dois ou três dias; jamais o cinturão era utilizado por períodos dilatados. Uma mulher "impedida" desta forma corria risco de vida, pelas infecções originadas por acumulações tóxicas prejudiciais ao organismo, e isso para não falar nas queimaduras e lacerações provocadas pelo contato contínuo do ferro com a pele ou a possibilidade de uma gravidez em curso.

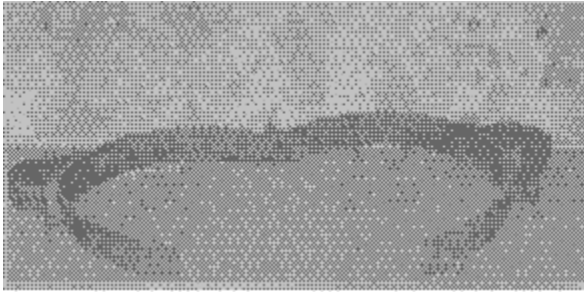
Contudo, havia uma segunda utilidade para o cinturão, esta bem pouco mencionada: constituía-se numa barreira contra a violação. Uma barreira eficiente em ocasiões "perigosas", tais como o aquartelamento de soldados na cidade, ou a permanência em uma estalagem, durante a noite, em meio a uma viagem qualquer. Nestas ocasiões, eram as próprias mulheres as mentoras da idéia de colocar o referido cinto, segundo comprovam vários testemunhos.

6 - Cinturão de Contenção

Aplicava-se este cinturão á cintura da vítima, cujos pulsos eram presos pelas braçadeiras laterais. A pessoa assim imobilizada podia ser submetida a quaisquer outras torturas ou abandonada à morte por fome, frio, sede ou infecções.

Escapar desse cinturão requer um teste Difícil de Agi.

Instrumentos de Tortura e Execução



7 - Colar de Castigo com Um Peso

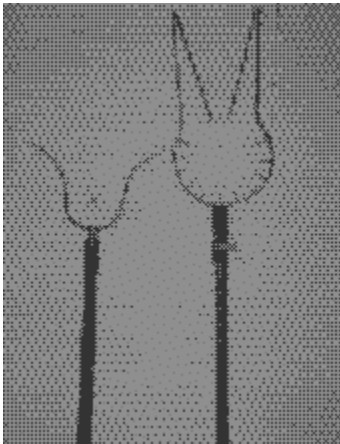
Muitas são as formas de acorrentar pessoas a pesos inumanos: argolas para o pescoço, pulsos e tornozelos; cinturões e colares variados. Há pouco mais a dizer. O prisioneiro deveria carregar estes pesos por meses, até anos; às vezes, a vida toda.

O colar com peso correspondia a uma argola de ferro passada em volta do pescoço, à qual prendia-se um peso variável de cerca de dez a vinte quilos. Além do tremendo esforço em carregar semelhante conjunto, as queimaduras provocadas pela fricção em torno do pescoço e dos ombros causavam gangrena e infecções que podiam ser fatais.

Escapar desse colar requer um teste difícil de Agi. Enquanto estiver com esse colar, o deslocamento do Personagem fica reduzido a metade. Depois de um período em dias igual à Constituição da vítima, ela deve fazer um teste de Con ou pegará alguma espécie de infecção.

8 - Armas Para Carcereiros

Estes instrumentos distinguiam-se das armas militares pela sua configuração, inadequada para a guerra contra os inimigos protegidos com couraças e armaduras, mas próprios para controlar grupos de prisioneiros desarmados.



O agarra-pescoços era um aro com uma abertura, na extremidade de um bastão de cerca de dois metros de comprimento. Seu interior era provido de pontas aguçadas. Um preso que, em meio a uma multidão, procurasse fugir a um oficial de justiça era facilmente capturado. Uma vez preso o pescoço na armadilha, não restava outra alternativa senão seguir o captor sem resistência, sob pena de ter o pescoço perfurado e esfolado pelas pontas. Essas armas requerem uma perícia própria, Armas para Carcereiros, que causam 1d6 de dano e têm Iniciativa -8. Um ataque bem sucedido obriga a vítima a fazer um teste de Agi ou ficara presa, podendo sofrer

dano continuamente a cada rodada.

9 - Colar de Paus

Este colar, cujo interior era provido de picos afiados, colocava-se em torno do pescoço da vítima. Era frequentemente usado como meio de execução: pesando mais de cinco quilos, descarnava o pescoço, ombros e maxilares, provocando infecções febris e finalmente a corrosão dos ossos e das vértebras expostas, o que levava à morte em pouco tempo.

Ele causa dano de 2d6 por hora.

Instrumentos de Tortura e Execução

Tinha a grande vantagem de economizar tempo e dinheiro, pois, sendo um meio extático, não exigia qualquer esforço por parte do carrasco. Trabalhava por si só, dia e noite, não exigindo qualquer esforço de manutenção.

10 - Cavalete

Este é o mais famoso dos instrumentos de contenção, e um item fundamental no arsenal de qualquer torturador. Seu uso era variado: tanto servia para imobilizar as vítimas durante a tortura ou mutilação como para expô-la em público como punição para crimes menores, insignificantes; como dormir na igreja, por exemplo.

Não é possível escapar de um cavalete por meios normais. Caso a vítima possua, de alguma forma, Agilidade acima de 20 é permitido um Teste Muito Difícil de Agi.



11 - A "Cadeira das Bruxas"

Este aparelho, com a forma de uma cadeira com o assento inclinado, era usada durante os interrogatórios, principalmente pelos inquisidores, o que justifica seu nome. Nele, a vítima era pendurada pelos tornozelos, podendo então ser submetida a outras espécies de tormentos mais dolorosos. A posição invertida, além de impossibilitar os movimentos, provocava desorientação, e, caso fosse muito prolongada, poderia fazer o prisioneiro perder os sentidos.

Ao ser presa nessa cadeira, a vítima deve fazer um teste de Con por hora. Falha resulta em inconsciência. Fugir dessa cadeira requer um teste de Agi.



VI - Instrumentos de Açoitamento

Esta é uma família toda especial dentro do arsenal dos instrumentos de tortura: a família dos açoites. É um grupo de instrumentos interessante e incrivelmente variado, apesar da semelhança da forma. Os açoites ou chicotes podem ir desde o gigante "Gato de Nove Caudas" e o knut dos boiardos russos, que podia destroçar de um só golpe um braço ou ombro, até os mais finos e perversos, como o chicote egípcio, cujas finas tiras de couro eram entrelaçadas de lâminas de ferro (ou de metais preciosos como ouro e prata) afiadas como navalhas e que faziam o sangue correr no primeiro golpe. Particularmente interessante e

Instrumentos de Tortura e Execução

digno de ser citado é o "Nervo de Boi", que com dois ou três golpes podia cortar a carne das nádegas até chegar à pélvis.

Dentre as punições menores, a flagelação era muito apreciada pelo público. O suplício era considerado, sobretudo humilhante - e seus aplicadores faziam o possível para acentuar tal característica. Para a flagelação pública, o condenado, nu da cinta para cima, era amarrado às traseiras de uma carroça e assim arrastado pelas ruas até o pelourinho público, onde o executor aplicava-lhe as chicotadas ou varadas prescritas na sentença. A flagelação poderia também se dar no interior das prisões; como método de interrogatório, era utilizado, sobretudo em crianças que ainda não haviam atingido a puberdade, por ser considerado relativamente leve, a não ser que os juízes requeressem expressamente o emprego dos meios usuais.

1 - Chicotes de Correntes

Os chicotes de correntes mais pareciam armas de guerra que instrumentos de interrogatório judicial; no entanto, eram largamente usados. Eram todos mais ou menos similares e em grande variedade - com duas, três, até oito correntes - e providos de muitas "estrelas de ferro", lâminas cortantes nas pontas. Algumas correntes eram intercaladas com lâminas. Essa é uma arma que possui os seguintes parâmetros: ela causa 1d6 de dano e tem Iniciativa -7.

2 - A Cauda de Gato

A cauda de Gato era um chicote de cordas entrançadas que servia para esfolar a pele da vítima. As cordas eram embebidas numa solução de sal e enxofre, de maneira que, devido às características da fibra do cânhamo e dos efeitos do sal e do enxofre, para além das mais de cem lâminas de ferro afiadíssimas, cada uma delas colocada no final de cada corda, a carne ia sendo reduzida a uma polpa, até se encontrarem expostos os pulmões, os rins, o fígado e os intestinos. Durante esse procedimento, a zona afetada ia sendo coberta com a mesma solução, em ebulição.

A Cauda de Gato é como o Gato de Nove Caudas descrito no Guia de Armas Medievais.